

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE006972

VERSIGNASSE, Rogério. Charme das feiras livres resiste à modernidade: feirantes sobrevivem aos avanços da modernização, usando do afeto e da amizade. Correio Popular, Campinas, 08 nov. 1998.

ta Apolinário, na feira que

ROGÉRIO VERZIGNASSE

As feiras livres resistem. Elas já se apinhavam ao redor dos templos, nos tempos de Jesus. Comercializavam comida, burros de carga e escravos nas imediações dos portos, no século XV. Movimentavam a economia do Brasil Império há 490 anos, muito antes da invenção do microscópio, do pára-raios, da fotografia, da calça jeans e da lâmpada. Mesmo hoje – quando as pessoas podem até fazer compras sem sair de casa, conectando no computador o *site* do hipermercado –, as feiras continuam vivas, efervescentes.

São cultuadas até no Cambuí, onde se concentra uma fatia considerável do “PIB campineiro”. Muita gente achou que elas desapareceriam de vez em 1879, quando um capitalista norte-americano fundou o primeiro supermercado do mundo. Lá se vão 119 anos e as feiras continuam aí.

Ah, o golpe de misericórdia seria a fundação do primeiro shopping brasileiro, o Iguatemi de São Paulo, em 66. Que nada. Há muito feirante sobrevivendo – e sobrevivendo bem – da comercialização de chinelos, tênis e roupas, e ignorando a existência das butikues climatizadas e das escadas rolantes.

Qual é o segredo da sobrevivência? “Afeto”, responde a freguesia. A feira livre é o lugar onde a dona de casa conhece o comerciante pelo nome. Ela pede conselhos e sugestões. Leva para casa a mercadoria mesmo se não tiver dinheiro na bolsa. Pode pagar depois. Pode devolver o produto. Também é o lugar onde velhos amigos

se encontram para curtir o inestimável prazer do bate-papo semanal. O lugar da profusão de aromas e sabores é também o espaço aberto para todas as raças, todas as classes sociais e todas as faixas etárias.

► **Feirantes sobrevivem aos avanços da modernização, usando do afeto e da amizade**

Que o diga a dona de casa Iara Gomes, de 52 anos. Há 30 anos ela mantém o hábito de passar, religiosamente, todas as semanas, pela barraca de João Batis-

ta Apolinário, na feira que atualmente funciona na Rua Capitão Francisco de Paula, no Cambuí. “Com o tempo, a gente vai formando um vínculo de amizade e confiança com o feirante”, fala Iara. Ela leva para casa uma toalha plástica. Mas não sabe se a peça vai se ajustar à mesa de casa. “Se não servir, volto para cá e devolvo a toalha”, avisa. E o João Apolinário responde: “Pode levar. Se ficar bom, depois a senhora me paga”.

RARIDADES

A barraca do Apolinário é a mais antiga por ali. Ele vive de feira há mais de quatro décadas, desde que tinha só nove anos de idade. Aos 19, deixou de ser empregado e montou a própria barraca.

E o que se vê, do teto às bancadas, é uma mistura de badulaques. Coisas difíceis de se encontrar nos supermercados. Coisas que só o Apolinário tem. A tampinha plástica para segurar a água do tanque, por exemplo.

Ou a borrachinha para revestir pés de cadeira. Ou ainda aquela pecinha de metal dentado que a vovó usava para cortar massa de pastel. Tem mais: torneirinhas de filtro, coadores de café de pano (para quem odeia até hoje as Melittas da vida).

É pouco? Pois da barraca do João Apolinário tem também uns temperos raros, usados nas cozinhas mais sofisticadas: o estragão para os cozidos, o louro moído para o feijão, o tomilho para as carnes, a sálvia para a vitela, o zathar para o pão sírio, o kumel dos bolos, pães e patês. E todas as ervas imagináveis para o chazinho das cinco.

Tubo cabe numa barraca de 8 por 4 metros. Tudo transportado na carroceria de um velho caminhão GMC fabricado em 1949, e que desde 73 pertence a Apolinário. Ele ficou rico? Não, é bem provável que não. Mas a barraca permitiu que João Apolinário sempre mantivesse a mesa farta em casa. Garantiu-lhe também a educação dos filhos. Um deles só não fez faculdade porque não quis. Preferiu seguir a carreira do pai: também já tem sua barraca na feira.

FOTOS: GUSTAVO MAGNUSSON



Barraca do João Apolinário, no Cambuí: tradição de oferecer objetos raros e especiais